

## O USO DA EDIÇÃO NÃO-LINEAR DIGITAL NO TELEJORNALISMO DIÁRIO DE UMA EMISSORA DE TV E AS NOVAS ROTINAS DE PRODUÇÃO

**CROCOMO, Fernando, Ms.; LAGE, Nilson, Dr.**

Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho trata da implantação do sistema de edição não-linear digital para a produção de notícias numa emissora de televisão. Apresenta o que está mudando no telejornalismo diário. Compara a nova forma de editar com os antigos métodos baseados no uso de ilhas de edição equipadas com aparelhos de videoteipe. Mostra que a inovação tecnológica, baseada no uso de *softwares* para edição de vídeo, está acessível também a pequenos produtores, o que não acontecia antes, pelo alto custo dos equipamentos. A edição não-linear é feita nos computadores da redação, não mais nas ilhas, alterando a rotina de edição de imagens e exigindo maior qualificação dos jornalistas. O surgimento de arquivos digitais significa a facilidade de acesso à informação e a integração com outras mídias, como a Internet.

**Palavras-chave: telejornalismo, edição não-linear digital, tecnologia.**

A edição não-linear digital tem como características principais a gravação digital<sup>ix</sup> e o acesso imediato a cada ponto desejado – a não-linearidade<sup>ix</sup>. A maioria das estações não-lineares digitais de vídeo trabalha quase que exclusivamente com placas que, num primeiro momento, convertem as imagens analógicas<sup>ix</sup> dos aparelhos de videocassete em arquivos de imagens digitais (AD). As imagens digitalizadas são salvas no disco rígido do computador como arquivo, da mesma forma que um texto, por exemplo. Esses arquivos serão utilizados para a realização do vídeo através dos softwares de edição não-linear. O vídeo pronto, digital, é reproduzido; se for o caso, passa pela placa conversora DA e sai do computador na forma analógica, para gravação no videocassete.

No futuro imediato, com a generalização das câmeras em formato digital e gravação não mais em fitas, mas em discos (como o disco rígido de um computador ou o DVD), as informações que contém as imagens e sons dos *takes* entrarão diretamente no computador,

mantida sua forma digital, o que eliminará qualquer degradação e permitirá, portanto, qualidade superior.

Esses recursos, já conhecidos por muitos usuários de computadores em todo o mundo, começam a ser utilizados em emissoras de televisão - e já não apenas na pós-produção como ocorreu inicialmente. É o contrário do que acontecia antes, quando as TVs passavam a utilizar tecnologias novas e caras que praticamente não estavam disponíveis fora das emissoras. Mas, mesmo sendo uma tecnologia aberta aos usuários de computadores, existe um desafio para quem tem, como é o caso, uma estrutura de produção convencional montada e operante: será preciso mudar todo o sistema até então utilizado para a edição de vídeo, que passará agora a ser digital e exigirá maior qualificação dos profissionais. Na verdade, tal como ocorreu com a categoria dos gráficos, as equipes de profissionais de nível técnico que operavam os equipamentos analógicos desaparecem. Serão substituídos por técnicos em computação, em menor número, e por jornalistas e produtores que tomam para si tarefas antes atribuídas às equipes de suporte (editores de imagens, operadores de VT, etc.) Em suma, exige-se competência mais ampla de jornalistas e produtores e aumenta-se o grau de controle desses sobre o produto. Este artigo trata dessas alterações e o que está mudando numa emissora que decidiu editar todas as notícias dos telejornais nos computadores.

### **A experiência de uma afiliada da Globo**

A televisão brasileira, organizada em redes como conhecemos hoje, surgiu com a transmissão dos sinais por microondas e satélites. Grandes emissoras localizadas principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, como a Globo e o SBT, por exemplo, são as responsáveis por gerar a programação nacional. Já as afiliadas retransmitem o sinal da rede a que pertencem. Em espaços pré-determinados, entram com sua programação local.

Desde a implantação do sistema de redes, que começou no final da década de 60, as grandes emissoras passaram a centralizar a divulgação de informações. As afiliadas ficaram praticamente sem programação regional. A participação nacional ficou restrita às reportagens enviadas para os programas de rede. Hoje o espaço já é maior, mas mesmo assim são feitas algumas exigências. No caso da Globo, as emissoras precisam ter repórteres especiais para a participação nos telejornais nacionais. É comum as afiliadas contratarem no mínimo um repórter

para o *núcleo da Globo*. Nessa luta constante por espaços regionais e também por maior participação nacional, algumas afiliadas têm se destacado.

Entre elas está a EPTV – afiliada da Rede Globo - composta por quatro emissoras<sup>ix</sup>. Além da produção de reportagens diárias para os telejornais nacionais, a EPTV tem participado do *Globo Repórter*. O programa *O Canto da Piracema* - vencedor do Prêmio Libero Badaró, categoria telejornalismo, em 1992 - foi produzido originalmente para exibição regional e acabou consolidando espaço na programação nacional e tornando a EPTV “a primeira emissora afiliada a fazer um segmento do Globo Repórter” (EPTV, 2001). Em seguida vieram outros documentários, entre eles *Rota do Sol*, sobre a andorinha azul, em 1993; e *Beija Flor, em 1994*, vencedor de vários prêmios internacionais. E foi para a produção de reportagens especiais - que deram origem ao Programa *Terra da Gente*<sup>ix</sup> - que a EPTV iniciou suas pesquisas e decidiu apostar no uso da edição não-linear digital. A experiência deu certo, a emissora pensou mais alto e decidiu implantar a edição não-linear na redação, a começar pela emissora de Campinas<sup>ix</sup>. É uma das primeiras no Brasil a adotar essa mudança no telejornalismo diário.

#### A edição de documentários

Os inúmeros recursos oferecidos pela edição não-linear, as inovações e os novos efeitos de imagens e as facilidades para a realização de transições de uma cena para outra passaram a ser incorporados à área de pós-produção. Era o espaço natural de utilização dos novos recursos.

Quando se fala em pós-produção, entende-se o uso de recursos especiais em reportagens mais elaboradas, que podem demorar um pouco mais de tempo para sua conclusão. Para o telejornalismo diário, a partir do surgimento do videoteipe, sempre foi utilizada apenas a edição em *corte seco* – uma cena colocada após a outra. Na EPTV a utilização do equipamento de edição não-linear passou a facilitar e dar ainda mais qualidade às reportagens especiais. Essas estações são perfeitas para esse tipo de trabalho. A possibilidade de reedição de trechos apenas trocando cenas e sons, sem precisar alterar o restante - a não-linearidade - é a grande vantagem. O desafio nesse primeiro momento de uso da estação é o contato com a nova forma de editar. Nas reportagens mais extensas, em que é preciso atenção para as revisões, ficou consolidado o uso da edição não-linear. Os editores de imagens da EPTV entenderam o processo e as reportagens

produzidas para o *Terra da Gente* e para o *Globo Repórter* passaram a ser realizadas integralmente nessas estações. Hoje são duas máquinas para esse núcleo de produções especiais.

### O fim das ilhas de edição

Apesar de o jornalismo ter uma característica comum - o trabalho de toda a equipe numa sala ampla, a redação - as emissoras de TV nunca tiveram a possibilidade de integrar totalmente sua produção. Os jornalistas trabalham na redação mas, na hora da edição das reportagens, precisam entrar numa ilha de edição, espaço apertado onde estão os videoteipes. Se a sala de redação permite maior troca de informações entre os jornalistas, a ilha de edição leva ao isolamento. Esse isolamento, de certa forma, acabou sendo necessário porque através da tecnologia empregada – os videoteipes – ficava difícil a integração. O tamanho dos equipamentos, o volume de fitas, o barulho, enfim, o trabalho conjunto dos editores de texto e de imagens seria inviável dentro da redação.

A partir da experiência com o *Terra da Gente* a Gerência de Desenvolvimento Tecnológico e Operacional da EPTV começou a buscar soluções para a integração das estações não-lineares ao telejornalismo diário. A mudança agora seria muito mais complexa. Vale a pena enumerar alguns itens que ajudam a entender as alterações:

- A edição, há mais de vinte anos (no caso da EPTV), era feita com o uso de videoteipes. Toda a estrutura de produção de reportagens era baseada na seleção de uma cena na máquina *player* e gravação na *recorder*. É assim que os editores aprenderam e estavam acostumados a editar;
- No início, quando os editores ainda não dominam a edição não-linear, o tempo perdido para a digitalização do material bruto acaba sendo uma desvantagem. Ao contrário das reportagens especiais, o telejornalismo diário precisa de mais rapidez;
- O uso do computador exige – é claro – noções mínimas do sistema operacional utilizado e do programa de edição de imagens;
- As ilhas de edição deixam de existir e as estações passam a integrar a redação;
- As matérias não vão mais ao ar a partir dos videoteipes, mas sim a partir de servidores localizados na *switcher*;

- Acaba sendo inevitável o contato dos editores de texto com os programas de edição não-linear. Afinal de contas, o computador está mais próximo do dia a dia do jornalista. Essa possibilidade de os jornalistas também passarem a operar os programas não-lineares gera insegurança nos editores de imagens<sup>ix</sup>.

É preciso ter muita determinação para promover mudanças desse porte. O valor do investimento - se vai ser maior ou menor do que o gasto feito anteriormente com as ilhas analógicas – pode não ser justificativa suficiente para uma alteração tão grande como essa numa emissora *broadcast*. Além da qualidade da edição, está em jogo toda a estrutura de produção, a adaptação e treinamento dos funcionários e a continuidade do perfeito funcionamento, para que a emissora continue colocando no ar sua programação. As vantagens da edição não-linear só vão se tornar concretas se for possível garantir a absorção e a aceitação da nova tecnologia, com todas as suas implicações, nas várias etapas de produção.

Para mostrar aos funcionários da EPTV essa nova tecnologia de edição, o gerente de Desenvolvimento Tecnológico e Operacional, Cláudio Ghiorzi, colocou num corredor da emissora uma estação não-linear com uma placa de digitalização DC 30 da Pinnacle e um programa de edição Adobe Premiere. Qualquer pessoa podia ter acesso ao equipamento. Depois, o computador foi colocado na redação.

Na etapa seguinte, foi preciso encontrar uma boa configuração para o telejornalismo diário. Os inúmeros avanços tecnológicos têm permitido a criação de sistemas abertos, ou seja, a escolha de placas digitalizadoras, programas de edição, discos rígidos e uma série de componentes que podem ser trocados a qualquer hora. Depois de muita pesquisa e testes com participação da Floripa Tecnologia<sup>ix</sup>, a EPTV optou pelo uso do sistema operacional Windows NT, a placa de digitalização Matrox DigiSuite LE e o programa de edição Incite. Na redação da EPTV Campinas foram instalados oito computadores ligados em rede, todos preparados para edição em vídeo.

Com o novo sistema montado, os editores de imagens do telejornalismo diário tiveram um treinamento para conhecer o processo básico de edição. Depois, com acesso livre aos computadores, puderam conhecer melhor os recursos oferecidos.

No ar a partir do servidor

Cada estação não-linear da redação tem 36 *Gigabytes* para armazenamento de imagens. Ao lado de cada um desses computadores, um videoteipe profissional Philips reproduz gravações no padrão digital DVCPRO 50, escolhido pela EPTV para substituir as gravações antes feitas no sistema analógico Betacam, da Sony. Além da reprodução das novas gravações no sistema digital, os editores continuam tendo a opção de reproduzir gravações feitas em Betacam. Assim fica garantido o uso de imagens do arquivo da emissora.

Cada computador da redação está ligado em rede ao servidor, que fica na *switcher* e tem 72 *Gigabytes* de memória. Para segurança, existe mais um servidor, idêntico. Todas as matérias editadas nos computadores da redação são salvas nos dois servidores. As reportagens identificadas a partir das retrancas ocupam uma pasta. A partir do espelho do telejornal, as matérias armazenadas nos servidores são colocadas em ordem de exibição com a utilização do programa *NewsWare*, da Floripa Tecnologia.

O telejornal começa e o diretor de imagens seleciona, através da mesa de corte, as imagens que vão para o ar. A partir da mesa é possível escolher as câmeras de estúdio, de externa (para entradas ao vivo dos repórteres que estão na rua) e também para a exibição das reportagens. Para cada opção, é preciso apertar um botão, procedimento adotado há muitos anos nas emissoras.

A novidade na EPTV é que, com a possibilidade de exibir as matérias que estão no computador, o simples fato de apertar o botão correspondente ao servidor significa a entrada no ar da matéria selecionada. Vale exemplificar: quando o apresentador lê o texto que trata de uma reportagem a ser exibida – que no telejornalismo chamamos de *cabeça* da matéria – a mesa de corte está com uma das câmeras do estúdio acionada. Quando o apresentador termina de ler a *cabeça* da matéria é preciso apertar o outro botão para a entrada no ar da matéria a ser apresentada. Agora, a própria mesa de corte manda um comando acionando o servidor e a reportagem correspondente. Terminada a reportagem o diretor de imagens volta a selecionar a câmera do apresentador. Quando apertar de novo o botão correspondente ao servidor irá ao ar a reportagem seguinte do espelho, e assim sucessivamente.

A utilização do videoteipe para exibição significava a colocação da fita correspondente a cada nova reportagem. Além disso, era preciso apertar tanto o botão da mesa de corte quanto a tecla de reprodução - *play* - do videoteipe. Com o servidor e a não-linearidade, não existe risco de vazar no ar os sons de fitas rebobinando. Diminuem as possibilidades de erro com o

posicionamento inicial da matéria e a inversão de fitas. O funcionário, que antes apenas posicionava a fita e apertava o botão do videoteipe para reproduzir a reportagem, precisa agora estar qualificado para operar o servidor.

### As primeiras experiências

A primeira experiência de uso da nova redação com estações não-lineares na EPTV foi em 8 de janeiro de 2001 no *Jornal Local*, canal 25 do cabo em Campinas SP. Em 17 de janeiro o sistema começou a ser utilizado parcialmente nos telejornais do canal aberto – *Jornal Regional Primeira Edição*, no horário do almoço e no *Jornal Regional Segunda Edição*, antes da novela das sete da Globo. E, no dia 22 de janeiro o sistema passou a ser utilizado integralmente nos telejornais da EPTV Campinas. Mesmo assim, por segurança, as velhas ilhas analógicas ficaram mantidas nessa fase de transição. Nos primeiros dias, elas foram usadas para as matérias que chegavam à última hora.

No dia em que acompanhamos a realização dos telejornais pelo novo sistema, em 15 de fevereiro, os editores mostravam-se mais confiantes com a nova forma de editar. A primeira comparação era do tempo gasto para a edição não-linear em relação à edição linear: em três semanas de trabalho diário era possível afirmar que o tempo necessário para a edição nas estações não-lineares já igualava o tempo gasto anteriormente, quando se usava a edição pelos vídeos. Isso mesmo com o tempo perdido para a captura de imagens, do videoteipe para o computador (algo que desaparecerá quando a gravação externa for digital e não-linear); ela era compensada pela locação imediata dos pontos de deixa no disco rígido. Com o aumento da segurança diminuiu a rejeição, que existiu num primeiro momento por causa do desconhecimento da nova tecnologia.

Para aumentar ainda mais a confiança dos editores de imagens nesse novo equipamento, a EPTV está investindo em educação. O auxílio no pagamento de mensalidades para os funcionários que estão cursando universidade é uma prática antiga da emissora. Com a mudança no sistema de edição, os editores de imagens estão sendo estimulados a cursar jornalismo, o que implica em reciclagem profissional. O editor de imagens do programa *Terra da Gente* e das reportagens especiais do *Globo Repórter* já se formou em jornalismo e outros estão estudando na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp) e na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). A formação para os que já trabalham na emissora é o indicativo de que a



função passa a exigir pessoas mais qualificadas. As novas vagas que se abrirem no futuro certamente levarão isso em conta.

Fica cada vez mais claro que o computador reduz a distância entre o que é essencialmente técnico e o que é produção para telejornalismo. Impossível trabalhar com um programa de edição não-linear de vídeo sem opinar sobre a melhor forma de construir a matéria para garantir o bom entendimento da informação. Já não existe o trabalho apenas mecânico de montagem de matérias, que subsistia na edição através do videoteipe. Com a edição não-linear, o futuro aponta para o editor apenas, responsável tanto pelas informações do texto quanto pelas informações das imagens.

### O futuro do telejornalismo

O Gerente de Desenvolvimento Tecnológico e Operacional da EPTV, Cláudio Ghiorzi, entende que se trata de uma tecnologia *transparente*, ou seja, tão flexível que deixa de ser o elemento mais importante. Uma tecnologia que valoriza a pessoa e o que ela precisa fazer. A oferta de inúmeras placas e *softwares* para a composição das estações não-lineares e as novas opções de equipamentos de vídeo também vêm reduzindo o custo e as relações privilegiadas com este ou aquele fabricante, este ou aquele financiador. Todos esses fatores contribuem para dar mais qualidade e independência ao telejornalismo.

Nesse momento específico de domínio da tecnologia, o novo processo praticamente equivale ao antigo, mas gera a expectativa de que vai superar e muito - o velho sistema. O editor responsável pelo Jornal Regional Segunda Edição da EPTV Campinas, Reberson Ricci Ius, explica que as primeiras recomendações são para facilitar e agilizar o trabalho das notícias diárias. Os repórteres e cinegrafistas são orientados para anotar o *timecode* (a numeração da fita), ainda na câmera, dos *offs* (textos gravados pelos repórteres), das passagens (imagens em que o repórter aparece explicando determinado assunto da reportagem) e das sonoras (entrevistas). Como os programas de edição permitem a busca automática no videoteipe a partir do *timecode*, a anotação dos números que correspondem a estes trechos agiliza o trabalho e compensa um pouco o tempo perdido com a digitalização. O uso da fusão de imagens nos trechos editados de entrevistas já se tornou um recurso banal. Numa ilha de edição analógica comum isso não era possível. Era feita a inserção rápida de outras cenas – algum detalhe, seja a mão do entrevistado,



por exemplo, ou outra imagem que tinha a ver com a reportagem - ou de *flashes*, imagens brancas, entre os trechos selecionados. Outra opção era, e ainda é, deixar as sonoras simplesmente com os trechos editados e com pulos de imagem<sup>ix</sup>. Outra recomendação para os repórteres é que tragam também por escrito os textos que foram gravados. Isso ajuda a tirar possíveis dúvidas na hora da digitalização e também da edição.

A ampla utilização dos recursos oferecidos pelos *softwares* de edição de imagens certamente é questão de tempo e deve trazer mais agilidade. Mas, com o sistema implantado, algumas soluções são esperadas para um futuro bem próximo. São elas:

- A definição do meio de gravação digital nas câmeras num formato não-linear. A gravação, mesmo digital, mas em fitas, é linear, ou seja, para acessar é preciso bobinar a fita para a frente ou para trás. A gravação num disco rígido<sup>ix</sup> - ou algo parecido - que possa ser colocado na câmera e depois retirado e colocado no computador, vai garantir esse acesso imediato a qualquer ponto.
- As emissoras esperam a melhor solução para a gravação das imagens de arquivo. O importante também é que o sistema seja digital e não-linear. Ainda não está claro se a melhor opção é o arquivo em DVD, em servidores com grande capacidade de armazenamento ou em outro tipo de disco. A opção de acessar imagens de arquivo, a partir da própria estação de trabalho, vai ser o fim das velhas prateleiras cheias de fitas e da tarefa nem sempre fácil de localizar uma cena específica.
- A transmissão de imagens via rede com qualidade para exibição nas emissoras também vai facilitar o acesso imediato a imagens de um fato ou até mesmo de um arquivo distante geograficamente.

A edição não-linear na redação é o grande passo para a integração de vários meios. Nesse caso poderá existir a troca de material entre as emissoras da EPTV, a Rede Globo, além da página na Internet ([www.eptv.com.br](http://www.eptv.com.br)).

#### Precisão

Trabalhar com edição não-linear significa mais precisão. Os equipamentos mudam, aumentam o grau de exigência e de qualificação, mas algumas rotinas permanecem, ou melhor, precisam ser ainda mais aprimoradas. As recomendações iniciais feitas aos jornalistas da EPTV

demonstram que a busca de um resultado mais eficiente, a partir do uso dos novos equipamentos, depende também dos detalhes: a atenção à numeração do *timecode* é um bom exemplo. Desenvolvido há 33 anos (Ohanian, 1993, p.16) o *timecode* ganha ainda mais importância porque, incorporado ao sistema de edição não-linear, garante ainda maior facilidade de acesso à informação desejada. Essa busca quase imediata à cena que queremos e a precisão no trabalho final, indicam alterações em algumas etapas de produção da notícia no telejornalismo. São elas:

- **Pauta** - Na elaboração da pauta (o assunto e as informações que o repórter recebe antes de sair para a reportagem) o acesso ao banco de imagens digitalizado e com qualidade para exibição significará maior precisão na recuperação de dados. No dia a dia do telejornalismo as imagens de arquivo são muito usadas, mas sempre é necessário deixar a sala de redação para ver a fita desejada. Nem sempre todo o material disponível é utilizado. Fatos passados permitem a compreensão de assuntos atuais. Novas pautas surgem da pesquisa aos arquivos. Num primeiro momento falamos do acesso mais facilitado ao acervo da própria emissora no computador do pauteiro (jornalista que elabora a pauta). Mas, num futuro bem próximo, o recebimento de imagens de outros acervos será muito mais rápido do que a transmissão via satélite. Atualmente (maio de 2001) os técnicos recebem o material gerado, gravam em fita que só depois será assistida pelos jornalistas. Estamos próximos do acesso imediato, como uma pesquisa na Internet. Vale ressaltar mais uma vez que para a televisão é fundamental a qualidade da imagem transmitida; essa imagem digital com boa definição que está sendo esperada através da rede.
- **Reportagem** - A qualidade da pauta enriquece a reportagem. As imagens de arquivo e também a pesquisa mais aprofundada feita anteriormente pelos pauteiros e depois pelos repórteres dão mais credibilidade à informação. Durante a reportagem, será possível maior objetividade. Os repórteres vão ter mais elementos para escrever o texto. A clareza e a definição de cada etapa da reportagem (*offs*, passagens e sonoras), incluindo a localização dos trechos – através do *timecode* como já vimos - facilitam o trabalho do editor e o entendimento pelo público. A transmissão imediata, através da Internet, irá, no futuro, revolucionar as entradas ao vivo, além de permitir coberturas diretas em regiões distantes e situações tensas - onde possam estar uma câmera e um *laptop*.

- **Edição** - É na edição que se torna visível o resultado final de toda a equipe de telejornalismo. Se os recursos da digitalização e da não-linearidade forem utilizados adequadamente a qualidade certamente será maior. Todo o material acessado anteriormente e também a reportagem feita nas ruas vão estar à disposição dos editores. Agora, os novos recursos de nada adiantam se não for mantido o rigor jornalístico. Continua sendo fundamental a correta elaboração dos *scripts* - com os textos e informações técnicas necessárias para que o programa seja exibido. No caso das matérias especiais e dos documentários, o roteiro continua sendo fundamental. A garantia de uma boa decupagem - a anotação exata das cenas desejadas - cada uma com o respectivo *timecode* inicial e final - já é um bom início. É importante ter noção da qualidade do material. Isso dá mais segurança para a elaboração do texto e para a definição do que será editado. Essa segurança permitirá um uso mais efetivo dos recursos da edição não-linear.
- **Exibição** - Os novos recursos diminuiram os riscos de problemas técnicos. Do ponto de vista jornalístico, com o domínio completo do sistema, os editores poderão ser mais ágeis, colocando no ar matérias de última hora com mais informação - de texto e imagem - no telejornalismo diário<sup>ix</sup>.

#### A tecnologia digital e a quarta época da televisão

O uso de equipamentos evoluídos tecnologicamente é uma constante nas grandes emissoras de TV. Mas, no caso específico da edição não-linear, a mudança significa a alteração de algumas rotinas que envolvem novos conhecimentos e também a necessidade de maior qualificação. Um processo mais complexo do que a simples troca de aparelhos. O mais surpreendente é que a tecnologia de edição de vídeos passa a ser acessível a pequenos produtores ao mesmo tempo que ainda está sendo adotada pelas grandes emissoras. Pessoas de várias partes do mundo - usuárias de computadores - têm a possibilidade de conhecer programas de edição não-linear. É o contrário do que acontecia com a edição através do videoteipe. Exclusividade de quem tinha recursos para adquirir equipamentos caros.

Quando falamos em acesso aos programas queremos dizer que é possível entender e praticar a edição de vídeos em computadores com preços acessíveis. Também nesses

equipamentos é possível realizar bons vídeos com qualidade superior aos produzidos em equipamentos semi-profissionais analógicos – tanto câmeras como ilhas de edição. É justamente aí que está a grande diferença do que era praticado antes e o que é possível hoje. Através de câmeras digitais e de ilhas não-lineares de baixo custo é viável a produção de programas para televisão, principalmente para suprir a programação de pequenas emissoras – canais comunitários e universitários, por exemplo. Os mesmos recursos podem ser perfeitamente utilizados para a produção de vídeos institucionais, educativos - inclusive para o ensino à distância – e também para a Internet.

A produção independente de vídeo tem como característica principal a possibilidade de gravar e editar imagens. Essa possibilidade começou a se tornar realidade na década de 80, com o videocassete doméstico. O início de produções independentes e a abertura das emissoras às produtoras representava, segundo Gabriel Priolli, a quarta época da TV brasileira.

“... – depois da TV ao vivo, do videoteipe e das redes nacionais – e sua promessa é de que, em poucos anos, o setor esteja completamente modificado, com novos canais surgindo e opções de programação para todos os gostos. Anos depois de manterem-se atrelados a uma televisão centralizadora, uniformizante e, freqüentemente, muito chata, os brasileiros vivem agora o sonho de um dia girar o botão do televisor e encontrar ali, sempre, um programa diferente para assistir. É o que eles esperam da TV brasileira, em suas próximas atrações” (Priolli, 1985, p. 42).

É certo que a televisão mudou, muitas produtoras independentes surgiram e o número de canais aumentou significativamente. A programação é bem mais diversificada mas pode melhorar muito. Tomando como exemplo a programação da TV brasileira (principalmente a cabo, em maio de 2001) nota-se que, mesmo em canais consolidados - de esportes, notícias e turismo, por exemplo - , a programação específica de cada estado ainda tem a orientação das grandes redes de canais abertos, além de uma vasta produção internacional. O aumento gradativo da produção local certamente é o que se espera num futuro bem próximo, tanto nas emissoras específicas de cada cidade, como também pelos canais de alcance nacional. Neste último caso, as emissoras têm mostrado interesse pela compra de programas realizados por produtores independentes de várias regiões. Isso acontece principalmente nas TVs pagas.

A produção local representa uma alternativa ao sistema de redes e ao processo centralizador de informações. Tomando como base a divisão feita por Priolli, podemos dizer que agora é que realmente estamos na quarta época da televisão no Brasil, a época digital, que permite a realização de vídeos a partir de uma câmera de baixo custo e de um computador pessoal – desde que, naturalmente, a pessoa tenha algo a dizer e possa dizê-lo em imagens, gráficos, figuras, desenhos...

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Aline França de (Org.). **Gestão da inovação:** uma abordagem orientada à gestão corporativa. Florianópolis: IGI, 1999. p. irregular.

ADOBE. **Premiere 5.0:** Guia autorizado. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 383p. ISBN 85-352-0397-4

BANDRÉS, Elena et al. **El periodismo en la televisión digital.** Barcelona: Paidós, 2000. 291 p. ISBN: 84-493-0916-6.

BENITO, Tomás Perales. **Videograbacion teoria y práctica:** sistemas VCR, BETA, VHS y Video 2000. 2. ed. Corrigida e ampliada. Madrid: Paraninfo, 1983. 197 p. ISBN: 84-283-1267-2.

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993. 106 p. ISBN: 85-7108-086-0.

BRAJNOVIC, Luka. **Tecnologia de La Informacion.** 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S. A., 1974. 402 p. ISBN 84-313-0345-X.

CALVENTE, Émerson. Equipamentos. Switcher: o coração do estúdio. **Revista Tela Viva,** São Paulo: Glasberg, n. 66, jan. 1998. Disponível em <<http://www.telaviva.com.br/revista/>>. Acesso em: 01 de abril 2001.

CURTISS, Fernando. Processo de definição para o sistema de TV digital será encerrado. **Engenharia de Televisão,** Rio de Janeiro: SET, v.11, n.51, 6-8, jun./jul. 2000.

DOMINICK, Joseph; SHERMAN, Barry L.; COPELAND, Gary. **Broadcasting / cable and beyond:** an introduction to modern electronic media. New York: McGraw-Hill, 1990. 489 p. ISBN: 0-07-017547-0

EPTV. **EPTV Campinas.** Disponível em <<http://www.eptv.tv.br/emi-cp.asp>> Acesso em 01 abril 2001.

- FLETCHER. **HDTV**. Disponível em: <<http://www.fletch.com>>. Acesso em: 01 abril 2001.
- FLORIPA TECNOLOGIA. **A tecnologia evoluiu**. Disponível em: <<http://www.floripatec.com.br/produz.html>>. Acesso em: 28 de fev. 2001.
- IMOVIE na TV. **Macmania**. São Paulo, v.7, n.76. 2000.
- INCITE**: o *software realtime* específico para Digisuite/Matrox. Disponível em <<http://www.Videomart.com.br/incite/incite.htm>>. Acesso em 02 de abril 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5. ed. 2. impressão. São Paulo: Ática, 2000. 64 p. (Série Princípios, 29). ISBN: 85-08-01717-0.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000. 244 p. ISBN: 85-7359-130-7.
- MATROX** DigiSuite LE. Disponível em <<http://www.matrox.com>>. Acesso em 26 de fev. 2001.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: Manual de telejornalismo. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 104 p. ISBN: 85-11-22017-8.
- MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil**: 50 anos de história (1950-2000). Salvador: Pás : Ianamá, 2000. 344 p.
- MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. **A especificidade do rádio informativo**: um estudo da construção, discurso e objetivação da informação jornalística no rádio, a partir de emissoras especializadas de Portugal e do Brasil em meados da década de 90. 1996. 269 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação. Área: Jornalismo) – Faculdade de Ciências e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- OHANIAN, Thomas A. **Digital nonlinear editing**: new approaches to editing film and video. Boston: Focal Press, 1993. 348 p. ISBN: 0-240-80175-X.
- PRAHALAD, C. K; HAMEL, Gary. The core competence of the corporation. **Harvard Business Review**, 79-91, maio/jun. 1990.
- PRIOLLI, Gabriel. A tela pequena no Brasil grande. In: LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI Gabriel;
- MACHADO, Arlindo. **Televisão & vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.19-43. ISBN 85-85061-26-X.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Perfil editorial do telejornalismo brasileiro**. 1998. 296 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Curso de Pós-graduação em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

**TERRA da gente na TV.** Disponível em: <<http://www.terradagente.com.br>>. Acesso em: 27 de fev. 2001.

TRATAMIENTO digital del vídeo. In: IBERTRONICA. **Productos:** vídeo. Disponível em: <<http://www.ibertronica.es/video.htm>>. Acesso em: 27 de fev. 2001.

**VÍDEO ZOOM MAGAZINE.** São Paulo: Crazy Turkey, v.2, n.16, fev. 2001a. 66 p.

----- São Paulo: Crazy Turkey, v.2, n.14, fev. 2001b. 66 p.

XAVIER, Ricardo; SACCHI, Rogério. **Almanaque da TV: 50 anos de memória e informação.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 284 p.